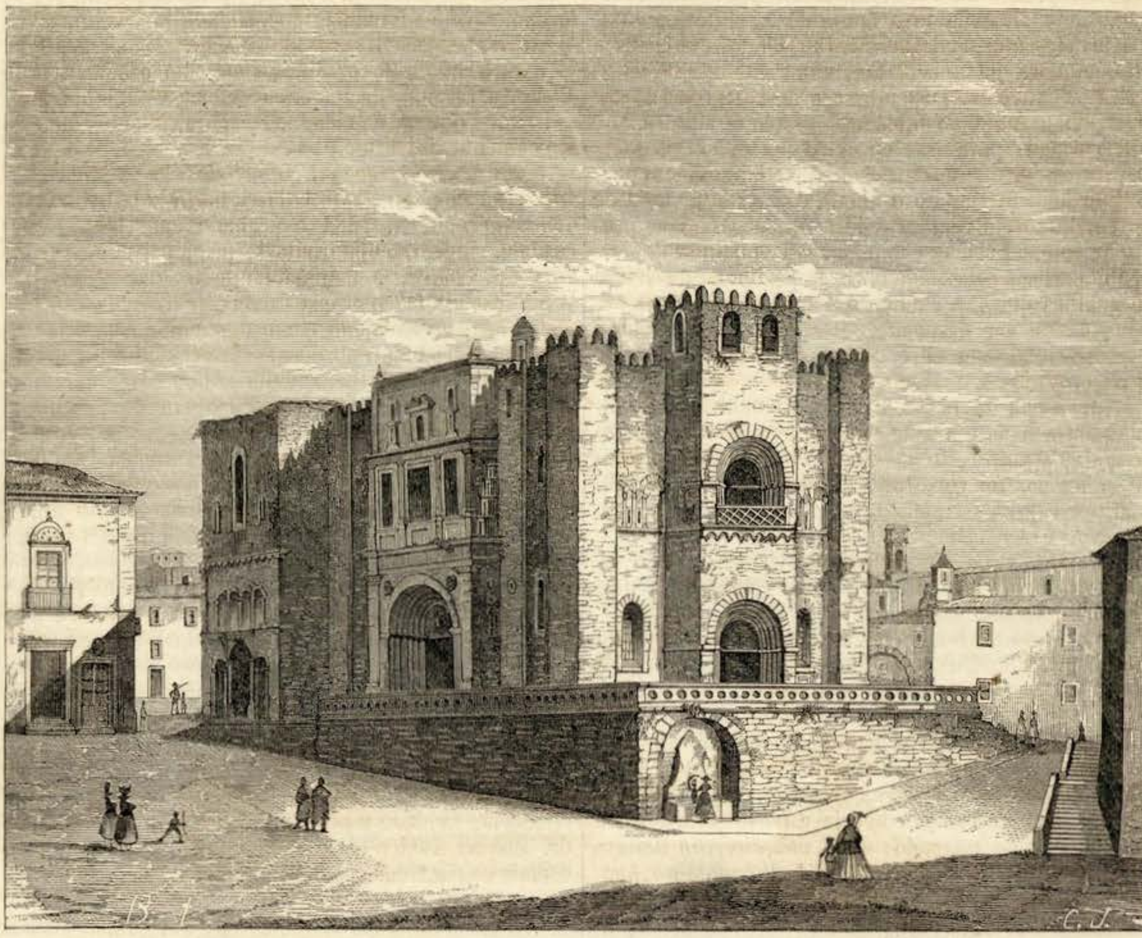


Sé velha de Coimbra

CIDADE DE COIMBRA

(Vid. pag. 281)

V

É rica a cidade de Coimbra em edificios religiosos. São muitos os que a ennobrecem, e não poucos os que sobresaem pela magnificencia ou grandeza da fabrica, ou pela veneração e interesse que inspiram a sua antiguidade e as memorias historicas que encerram.

Á frente de todos, pela preeminencia que desfructa, está a *sé*. Como todas as cathedraes do reino, é dedicada a *Nossa Senhora da Assumpção*. Dizendo-se que era a egreja do collegio dos jesuitas, é bastante para que se faça idéa de que será um templo vasto e grandioso. A fachada, de um estilo pesado, denuncia a sua origem. Interiormente não é falta de belleza nem de magnificencia, pois que todas as suas capellas são decoradas com rica obra de talha doirada. Encerra um precioso thesouro de reliquias santas e de alfaias e vasos sagrados. Entre estes acham-se alguns de bastante valor intrinseco, e de muito primor artistico, e tambem dignos de apreço como objectos archeologicos. Está situado este templo, como dissemos em outra parte, no *largo da Feira*. Foi fundado em 1547, e depois da extincção da Companhia de Jesus, em 1759, foi cedido ao bispo de Coimbra para servir de cathedral por alvará del-rei D. José I, de 11 de outubro de 1772, e n'esse mesmo anno se effeituou a trasladação da sé do antigo templo para o actual.

A instituição do bispado de Coimbra data do primeiro seculo da era christã, e attribue-se ao apostolo S. Thiago. Os bispos de Coimbra são condes de Arganil por graça del-rei D. Affonso V, concedida ao prelado d'esta diocese D. João Galvão, em premio dos serviços que prestou na tomada de Arzila e Tanger. D'entre os prelados que honraram a cadeira episcopal de Coimbra nomearemos a D. Francisco de S. Luiz, que falleceu sendo cardeal patriarcha de Lisboa; sua eminencia o sr. D. Manuel Bento Rodrigues, que presentemente occupa o solio patriarchal; e o sr. D. José Manuel de Lemos, outr'ora lente e vice-reitor da universidade, e na actualidade bispo d'esta diocese.

A *sé velha* levanta-se a meia encosta do monte em que está sentada a cidade. É um dos monumentos antigos do nosso paiz mais bem conservados e que melhor mostram as feições primitivas, não obstante as alterações que lhe tem feito. Póde-se dizer afoitamente que é um dos raros edificios da antiguidade que possuimos, onde o archeologo póde estudar a architectura da epocha que o erigiu.

Segundo a tradição passada de paes a filhos, e geralmente acceita; e conforme tambem a opinião dos escriptores que tem tratado da historia e antiguidade de Coimbra, este templo foi fundado pelos godos no seculo V ou VI. Porém um documento contido no *livro preto da sé de Coimbra*, que se acha ao presente no archivo da Torre do Tombo [1], diz que o referido templo foi edificado pelo bispo D. Miguel no anno de 1177, concorrendo com auxilios para esta obra el-rei D. Affonso Henriques.

1 No archivo do cabido de Coimbra existe uma cópia do *livro preto*.

Este importante documento, cujo titulo é *Minutatio testamentorum sive hereditatum sedis S. Mariæ Colimbriensis*, dá interessantissimas noticias ácerca d'esta fundação, mencionando o nome dos architectos e outros artistas que n'ella se empregaram, os salarios e remunerações que receberam, etc.

Não sendo esta, portanto, a occasião propria para tratar do assumpto com a largueza que elle requer, aguardaremos para isso ensejo opportuno, e limitar-nos-hemos por agora a dizer que este monumento offerece ao homem estudioso ampla e variada materia de estudo, tanto em relação á historia do paiz, como relativamente ás artes; e tambem ao viajante simplesmente curioso apresenta muitos specimens de arte e antigualhas que lhe excitarão a curiosidade.

Depois de ser despojada das honras de cathedral ficou servindo esta egreja de parochia, com o titulo de *S. Christovão*.

Além d'esta parochia e da sé actual, são notaveis pela sua antiguidade e por várias memorias historicas as seguintes freguezias: *Santa Justa*, cujo primeiro templo foi construido no seculo XII, e reedificado por diversas vezes; o *Salvador*, fundação do seculo XII, e reconstruido em differentes epochas; *S. João de Almedina*, fundada de novo nos fins do seculo XVII, e cuja primeira fabrica foi erigida em tempo del-rei D. Affonso Henriques.

A *confraria da misericordia*, introduzida em Coimbra no anno de 1500, foi instituida em uma capella da sé, d'onde passou para outra que mandou edificar na egreja parochial de *S. Thiago*. Em 1546, obtidas as licenças necessarias, principiou a construir um templo proprio sobre a abobada da dita egreja de S. Thiago, ficando assim duas egrejas uma em cima da outra. A de S. Thiago tem a frontaria e porta principal sobre a *Praça* do mercado; a *da misericordia* deitava para a *rua do Coruche*, agora *do Visconde da Luz*, a qual passa por detraz d'aquella egreja, porém em altura tão superior ao pavimento da mencionada praça, que a porta e frontispicio do templo da misericordia erguem-se sobre a parede do fundo da egreja de S. Thiago.

Pela extincção das ordens religiosas, tendo a confraria da misericordia pedido ao governo o edificio do *collegio da Sapiencia*, que fôra dos conegos regrantes de Santo Agostinho, para se transferir para alli, foi-lhe concedido o dito edificio por carta de lei de 15 de setembro de 1841, e no anno seguinte effeituou-se a mudança com muita solemnidade.

Quando se procedeu á abertura da nova rua do *Visconde da Luz* foi preciso cortar parte da fachada da egreja velha da misericordia e do edificio contiguo, pertencente á mesma confraria; a qual vendeu o que ficou de pé d'este ultimo, mandando, porém, restaurar a egreja, que ainda administra.

O *collegio da Sapiencia*, ao presente occupado pela misericordia, foi fundado pela ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, para os seus religiosos n'elle cursarem os estudos. Deu começo á obra em 1593, e concluiu-a em 1604. É um grande e bom edificio, situado em logar alto, com vistas aprazíveis, e uma bonita cêrca contigua. A egreja é pequena, mas de graciosa fabrica e muito ornamentada. Tem alguma parecença, guardadas as proporções, com a egreja do Escurial, em Hespanha. Dizem que ambas tiveram o mesmo architecto. Ha tambem quem attribua a D. Filippe III de Castella o risco do *collegio da Sapiencia*, edificado no seu tempo, mais conhecido desde a sua inauguração até ao presente pelo nome de *collegio Novo*. Acha-se no melhor estado possivel de conservação e aceio, e n'elle estão accommodados com muita largueza os recolhimentos de orphãos e de orphãs.

A *egreja de Santa Cruz*, que pertenceu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, é um dos mais apreciaveis monumentos historicos e artisticos de Portugal. D'ella, do mosteiro contiguo e da sua bella cêrca, tratámos com alguma minuciosidade nos volumes VII e VIII d'este jornal.

Excederia muito os limites que impozemos a este artigo a resenha de todas as egrejas e mais edificios religiosos que ha na cidade. Portanto, faremos menção unicamente das principaes.

Collegio de S. João Evangelista, da extincta congregação dos conegos seculares da mesma invocação, foi começado em 1631 e acabado em 1638. É um grande edificio, cuja frontaria principal deita para o *largo da Feira*. Acham-se n'elle o governo civil, a repartição de fazenda e a estação telegraphica.

Collegio de S. Bento é um dos maiores edificios da cidade, e de mais nobre aspecto. Fundou-o a extincta ordem dos monges benedictinos, pondo-lhe o remate no anno de 1634. Está collocado em uma situação elevada quasi sobranceira ao Mondego, d'onde se desfructam extensos e mui formosos panoramas. Tem uma boa egreja, cujos altares são decorados com excellente obra de talha doirada. Depois de ter estado muito tempo devoluto, serviu este edificio de quartel militar em 1849, e mais tarde foi concedido á faculdade de philosophia para diversos usos que ainda não tiveram effeito. Todavia, parece que vae agora tratar a dita faculdade de estabelecer na cêrca do edificio um horto pommifero e outro de viticultura, nos quaes se plantarão as melhores especies de arvores de fructo e de vides do nosso paiz, e tambem exoticas, para servirem de eschola pratica dos mais aperfeiçoados processos de cultura e naturalisação. Presentemente acha-se occupado o edificio por um collegio de instrucção secundaria, fundado e perfeitamente organisado pelo sr. dr. Manuel Xavier Pinto Homem. É um dos melhores e mais concorridos estabelecimentos d'este genero que ha no reino.

Collegio das Onze Mil Virgens, que pertenceu aos jesuitas, é um edificio vastissimo, ácerca do qual escrevemos a pag. 17.

Convento de S. Domingos, da extincta ordem dos prégadores, teve duas fundações: uma junto do Mondego, nos principios do seculo XIII, pelas infantas D. Branca e D. Theresa, filhas del-rei D. Sancho I; a outra na rua da Sophia, emprehendida pela ordem na primeira metade do seculo XVI, em razão de estar arruinado o primeiro edificio por causa das cheias do Mondego, que vieram ao diante a destruil-o completamente. Não chegou a acabar-se a egreja do novo convento, que ia edificada com bastante riqueza, talvez por fallecer o primeiro duque de Aveiro, D. João de Lencastre, que concorria para esta obra com avultadas esmolas. Como bemfeitor e padroeiro do convento, foi collocado o seu brazão d'armas na frente do edificio, e lá se conserva ainda hoje tal qual, apesar da sentença que condemnou á morte o ultimo duque de Aveiro, como complice da conspiração contra D. José I, e que, confiscando para a coroa todos os bens d'esta opulenta casa, mandou arrasar o palacio em que o réo habitava, e apagar o brazão de suas armas em qualquer edificio em que se achasse. Foi, sem dúvida, aquelle escudo d'armas, d'entre tantos que se viam por este reino, o unico que escapou á execução da sentença; circumstancia singularissima, se se attender a que o edificio está em logar tão publico, como é a principal rua de Coimbra, e que dá communicação á estrada que conduz de Lisboa ao Porto.

Collegio de S. Thomaz, da mesma ordem, situado a par do convento acima referido, mas fundado em 1537, dez annos antes d'aquelle.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição, que foi dos carmelitas calçados, teve por fundador D. Fr. Bal-

thazar Limpo, arcebispo de Braga, pelos annos de 1542. Augmentou-o D. Fr. Amador Arraes, que n'elle foi religioso, e que tendo sido elevado a diversas dignidades, sendo a ultima bispo de Portalegre, a todas renunciou para se ir encerrar novamente na humilde cella do seu collegio de S. Thomaz, onde falleceu no 1.° de agosto de 1600. A sepultura d'este insigne varão, que tantõ se illustrou como prelado e como escriptor, está na capella-mór da egreja. O templo dos carmelitas foi dado á ordem terceira da penitencia, que o conserva com muito aceio. Este edificio está na mesma rua da Sophia, bem como o seguinte.

Collegio de Nossa Senhora da Graça, dos eremitas de Santo Agostinho, foi construido pelo celebre fr. Luiz de Montoya, da mesma ordem, auxiliado com donativos por el-rei D. João III. A egreja é presentemente administrada pela irmandade do Senhor dos Passos; e no edificio do collegio, que é hoje da camara municipal, acham-se uma eschola régia de instrucção primaria, o quartel militar e o *theatro da sociedade Boa União*.

Collegio dos religiosos da Santissima Trindade, edificado pela ordem no bairro alto da cidade, em 1562.

Collegio das ordens militares de S. Thiago e de Aviz, fundado no alto da *Couraça de Lisboa* por ordem da mesa da Consciencia.

Collegio dos monges de S. Jeronymo, construido na parte mais alta da cidade por D. Fr. Braz de Barros, religioso da ordem e primeiro bispo de Leiria.

Collegio da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, obra del-rei D. João III, está edificado em logar elevado á saída da cidade. Era um bom edificio, que na actualidade se acha em muita ruina. Foi vendido pelo estado ha annos.

Real collegio de S. Paulo, na *rua Larga da Universidade*, tambem fundação del-rei D. João III, tem agora dentro em si o *theatro academico*.

Além d'estes, ainda várias outras ordens religiosas tinham collegios em Coimbra.

Ha na cidade conventos de freiras, e dois nos arrabaldes, de que adiante fallaremos.

Aquelles são da invocação de *S. José*, de *Sant'Anna* e de *Santa Theresa*. Este teve a primeira fundação no reinado de D. Sancho I, junto da ponte. Era então habitado por conegas de Santo Agostinho. Porém, no anno de 1285, viram-se as religiosas obrigadas a deixarem este convento por causa dos estragos que lhe fizeram as inundações do Mondego. Depois de viverem muitos annos em residencias provisorias, edificou-lhes o bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello-Branco, o actual convento sobre uma collina a par da cidade. Por occasião da mudança, trocaram as religiosas o seu habito de conegas pelo de eremitas de Santo Agostinho.

O *de S. José* foi collegio dos carmelitas descalços, para os quaes o edificou o bispo acima referido, em 1606. Em 1851 foi dado ás religiosas ursulinas, que tão utilmente para o paiz se dedicam á instrucção do sexo feminino, para ahi se estabelecerem com o seu collegio de educandas. As ursulinas tiveram o seu convento na villa de Pereira, d'onde saíram em 1848, por causa da insalubridade do sitio, indo viver juntamente com as freiras de Sant'Anna até ao dito anno de 1851. O convento de S. José está sobre um oiteiro visinho ao convento de Sant'Anna.

O *convento de Santa Theresa*, de freiras carmelitas descalças, foi construido em 1744 junto da cidade, perto do *penedo da Saudade*.

Seminario episcopal. É um grande edificio situado em logar alto, proximo do convento das ursulinas, e fundado em 1748 pelo bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação. A egreja é decorada com bellos marmores de Italia e com boas pinturas.

Ha na cidade várias ermidas e capellas, algumas notaveis por antiguidade, ou pelas lendas milagrosas que lhes deram origem.

Aos edificios religiosos devem seguir-se os estabelecimentos de caridade. Além da misericordia, possue Coimbra um bom hospital e um asylo da infancia desvalida.

O *hospital real de Nossa Senhora da Conceição*, cuja fundação se deve a el-rei D. Manuel, foi por este soberano dedicado a *S. Cosme e S. Damião*. Depois começou a ser conhecido pelo titulo de *S. Bartholomeu*, em razão de se achar no largo da egreja parochial d'esta invocação. Era administrado, desde o reinado de D. João III, pelo reitor do collegio dos conegos seculares de S. João Evangelista. Passados vinte annos depois da extincção da companhia de Jesus, foi transferido o hospital para uma parte do edificio do seu collegio. Cremos que foi por occasião d'esta mudança que tomou por orago a *Nossa Senhora da Conceição*. Ao presente occupa este hospital uma parte do visinho *collegio das Artes*, conjunctamente com o lyceu, e tambem parte do collegio da extincta ordem dos monges de S. Jeronymo.

Acha-se este hospital perfeitamente organisado e muito bem servido. Administra-o a faculdade de medicina da universidade, a cujos alumnos serve de eschola pratica. Tem um grande movimento, pois recebe e trata gratuitamente os enfermos pobres não só da cidade, mas tambem de toda a provincia da Beira [1].

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

MEYERBEER E O SEU TEMPO

(POR BLAZE DE BURY — PARIS, 1865)

ENSAIO CRITICO

Duke — If music be the food of love, play on,
Give me excess of it; that, surfeiting,
The appetite may sicken, and so die.

Shakespeare — The Twelfth Night, or, What you will.
Act. I. Sc. I.

Um livro, ultimamente publicado em Paris com o titulo de *Meyerbeer e o seu tempo*, devido á penna primorosa do sr. Blaze de Bury, veiu prender vivamente a attenção dos amadores da musica, e avivar ainda mais a saudade immorredoira do grande maestro de Berlin, ou, para melhor dizer, do mundo, tanto é na verdade cosmopolita o precioso lavor do seu fecundo engenho, já pela essencia da arte que elle ennobreceu, já pelo merito eminente de haver reunido em suas obras os preceitos de todas as escholas, e abraçado cordialmente o gosto das tres nações, que lhe foram — uma, berço, a Allemanha; outra, educação, a Italia; outra, a França, sua segunda patria!

Esta obra notavel, que trata de algumas das mais delicadas questões musicaes, não diffusa e profundamente, como pediam a competencia de seu auctor, o assumpto e o grande genio de quem trata, mas sómente de leve e passageiramente, como, por desgraça, parece exigil-o o espirito superficial e demasiadamente ávido de curiosidade dos nossos dias — influencia perniciosa, que entibia pouco a pouco as faculdades vigorosas de tantos talentos contemporaneos — contém ainda assim, apesar d'esse defeito radical, grande cópia de noticias, anecdotas muito interessantes, e algumas novidades relativas á vasta obra de Meyerbeer.

Bem poucos escriptores estariam em condições tão favoraveis como aquellas em que se achava o auctor dos *Musicos contemporaneos*, quando começou a escrever uma obra que estava quasi toda por fazer, e que, se

1 Veja-se o que escrevemos a pag. 18 ácerca do theatro anatomico e do gabinete de anatomia pathologica.

não satisfaz completamente no estado em que está ás mais legitimas exigencias, é, todavia, o primeiro passo aventurado nas boas horas em uma senda, toda coberta de flores e fructos para quem a quizer seguir de boa vontade e com firme dedicação.

Vivendo em Paris, no foco da civilisação e das grandezas, na portentosa metropole das sciencias, das letras e das artes; dotado de uma illustração pouco vulgar; conhecedor de todas as theorias e estilos de musica, antigos e modernos primores de arte, tendo assistido ao desenvolvimento lento e gradual da profunda intelligencia de Meyerbeer; e tratando-o, em fim, intimamente durante o espaço de muitos annos, Blaze de Bury reunia um aggregado de circumstancias de certo mui superior ao que era estrictamente necessario para desenhar, com mão firme e a côres fieis, o painel brilhante da grande epopéa musical, cujo cantor divino acabava de descer tristemente os degraus da sepultura!

Occorre, pois, aqui naturalmente perguntar se o novo livro do elegante escriptor francez corresponde cabalmente ao assumpto que elle se propoz tratar e ao muito que era de esperar do seu esclarecido entendimento.

É o que em seguida vamos examinar.

I

Quando o melodioso Virgilio no mui sabido verso:

Felix qui potuit rerum cognoscere causas!

lamentava não se poder conhecer as causas primarias das coisas, proferia com triste verdade a prophecia da fraqueza da intelligencia humana.

Debalde, no correr de todos os seculos, descem os mineiros do pensamento; de galeria em galeria, até ás profundezas mais reconditas do mundo moral. Parece que á medida que caminham, mais se afastam, na realidade, d'essa promettida Atlantida, sempre cubiçada com ardor e nem sequer entrevista! Vive o theologo com Deus e para Deus, sem nunca poder determinar a natureza divina, infinita e perfeita, e por isso incomprehensivel para elle, que é imperfeito e finito: lidam os philosophos com o justo, o bem, a causa, a substancia, a alma, sem que no cháos de suas numerosas doutrinas possamos descobrir a essencia de qualquer d'esses principios; e em vão se esforça o naturalista, sepultado noite e dia em seus laboratorios, por achar o principio da materia — o atomo impalpavel escapa-lhe das mãos, e some-se diante de seus olhos como o fumo das suas machinas!

O mesmo acontece com o principio da arte.

Tem-se dito muitas vezes que o bello sente-se, mas não se define. E, com effeito, assim é. Desde Platão até aos nossos dias, as intelligencias mais robustas hão tentado com vária fortuna, mas jámais com exito perfeito, a solução d'este problema capital da esthetica — a definição do bello — a sua fórmula exacta. Conhecemol-o, sem dúvida, pelos effeitos que produzem as mais perfeitas manifestações da arte, e que em paginas de oiro tão minuciosamente descreveram as pennas illustres de Cousin [1] e Lévêque [2]. Mas correr de uma vez para sempre o véo do sanctuario mysterioso em que se esconde esse *ignotus Deus*, e amostral-o a nossos olhos tal qual é, fixando e determinando bem a sua essencia, eis o que não poderam fazer, nem Santo Agostinho em outro tempo, nem Hegel nos tempos modernos.

Tinha para si o sapiente prelado, que o bello é o *esplendor da verdade*. Estas expressões, quando por muito vagas não possam de modo algum ser acceitas, peccam principalmente pela confusão que fazem da sciencia com a arte. Pois uma e outra são esplendores da verdade. A primeira, que tanta luz tem espalhado nas trevas da ignorancia e da superstição, e desvendado tantos segredos do mundo physico e moral; a segunda interpretando a natureza livremente, modificando-a, espiritualisando-a, e produzindo, em fim, todas essas maravilhas que são a riqueza e orgulho das nações, e se chamam n'um paiz o *mosteiro da Batalha* ou os *Lusiadas*, n'outro a *capella Xixtina* ou a *Divina Comedia*, e por toda a parte, na lingua universal da musica, *Norma*, *Propheta* ou *Guilherme Tell!*

Hegel tambem não conseguiu adivinhar a palavra d'este enigma, dando-nos a seguinte fórmula: *o bello é a compenetração da idéa e da fórma*. Em primeiro logar, falta-nos o criterio pelo qual, perante uma obra de arte, possamos avaliar a *compenetração* ou *harmonia* em que a obra está com o pensamento que a creou. Em segundo logar, quer-nos parecer que aquella fórmula é antes a expressão de um requisito essencial para se attingir a perfeição na arte, do que a definição do principio d'ella, que é anterior ás suas obras, as cria e desenvolve, e está, como dizia Raphael, n'uma *certa idéa* que elle antevia confusamente, e era o modêlo ideal das suas immortaes madonas.

Esta difficuldade sóbe de ponto todas as vezes que pretendermos determinar o principio do bello nas expressões infinitamente variadas e até oppostas de qualquer das artes liberaes, a architectura, a estatuaria, a pintura, a musica, a poesia. Á difficuldade generica do problema accrescerá então a da arte que escolhermos para determinar o principio de que tratâmos — queremos dizer, o conhecimento das suas condições e relações. E na musica augmentará ainda, e muito, pelas qualidades peculiares d'esta arte essencialmente vaga em sua expressão, indefinida em seus movimentos, e composta unicamente da combinação dos sons que formam a harmonia e a melodia.

«Não se define o bello na musica, diz o sr. Blaze de Bury. É alguma coisa que se apodera de nós e nos arrebata para vir a acabar n'um sentimento mixto de alegria e de tristeza. Chamava-se graça, encanto, no tempo de Apelles, não no sentido do que dá tanto valor a uma téla de Corregio, mas no de exprimir esse não sei quê de inexprimivel, repito, que caracterisa a *Joconde* de Vinci, a *Sonata em ut diéze menor*, a aria de Sarastro na *Flauta encantada*, o duo do quarto acto dos *Huguenotes*, e o do quarto acto da *Africana*, e nos obriga a exclamar: «Olhae, escutae, isto é divino!» Todo aquelle que não possuir o dom de se commover a este ponto poderá discorrer sobre uma obra prima, apreciar a parte technica; mas o primor de arte, como manifestação do ideal, do bello, ficará sendo para elle letra morta. Só as almas artisticas tem essa faculdade, privilegio que nada póde substituir...»

(Continúa) ALBERTO TELLES.

[1] *Du Vrai, du Beau e du Bien*, por Victor Cousin.
[2] *Science du Beau*, por Charles Lévêque.

O CASSIQUE NEGRO

Dá-se o nome de *cassique* a um genero de aves, composto de várias especies, todas oriundas da America, eguaes nos habitos, quasi eguaes no tamanho, com alguma differença na fórma direita ou curva do bico, e diversificando principalmente nas côres da plumagem.

A especie de que nos occupâmos é chamada cassique negro *(cassicus niger)*. Vive na Guyana, na Jamaica e na ilha de S. Domingos. É egual no tamanho e na fórma a um melro. Tem o bico comprido, direito, grosso na base e aguçado na extremidade. A cauda e algumas pennas nas azas, similhando manchas, são de um vivo amarello; de resto, vestem-lhe o corpo pennas que não deixam de ser lindas por sua

côr negra, porque nos reflexos que faz a luz no assetinado d'ellas parece que brilham variadas côres.

Não é ave cantadeira. A sua voz não passa de um grito desagradavel. As suas posturas constam de cinco ou seis ovos brancos com pintas pretas. O ninho é muito notavel pelo feitio, e ainda mais pela contextura. É similhante a uma pêra de descommunal grandeza, e, como fructo, pende muitas vezes dos troncos mais delgados das arvores, suspenso por tenues fios, baloiçando-o qualquer ligeira brisa. Outras vezes está suspenso entre dois troncos que o apertam na parte superior. N'este caso tem a entrada por cima, como a boca de uma amphora. Quando está pendente fica-lhe a entrada de um lado, a dois terços da sua altura. E ainda assim, tão profundo é este berço aéreo, que a mão do homem que se introduzir pela abertura não



Cassique negro e o seu ninho

chega aos ovos com facilidade. É feito o ninho de feveras de diversas hervas, enlaçadas com longos fios extrahidos de certas plantas, ordinariamente da *tillandica usneoides*.

É admiravel, na verdade, a maneira por que os cassiques fazem os seus ninhos, pois que todas aquellas feveras e fios se acham tão unidos e bem dispostos, que, á primeira vista, parece obra de tear. Com a mesma materia com que fabricam os ninhos os prendem e suspendem das arvores.

Vivem estas aves em perfeita sociedade, por quanto não se limitam á convivencia nos seus passeios aéreos, voando sempre em grandes bandos, mas tambem a apreciam e conservam nos logares que escolhem para repoiso diario ou para berço dos seus filhos. Assim, buscam durante a noite abrigar-se sob a folhagem da mesma arvore; e no tempo da criação tambem acodem a uma só para fazer os seus ninhos, o que produz um lindo effeito. É uma verdadeira povoação pendente de uma arvore, e animada por mil vozes alégres e pelas delicias de castos amores.

Como d'esta união lhes resulta o perigo de serem atacados pelos gatos bravos e outros animaes, que os procuram e não poupam diligencias para trepar a uma arvore onde podem achar abundante pasto, tem muito cuidado os cassiques na escolha da arvore onde hão

de criar os seus filhinhos. Buscam para este fim alguma que se eleve no meio de qualquer ilha, ou nas margens dos rios ou lagos alguma que vejam cercada de agua.

D'esta doçura de costumes deprehender-se-ha que são faceis em se familiarisarem com o homem, domesticando-se sem custo. Sustentam-se de quasi toda a variedade de grãos, e tambem de insectos; porém o arroz é o alimento da sua predilecção. Quando um bando d'estas aves cae sobre um arrozal faz um destroço consideravel. Por esta razão são muito perseguidos pelos caçadores. A sua carne é desagradavel por causa de certo cheiro de almiscar que tem.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DA EDUCAÇÃO PESSOAL

A intelligencia é o grande instrumento com o qual os homens conseguem os seus desejos: assim, deve ella chamar a sua attenção mais que qualquer outra faculdade. Quando se falla aos homens de se melhorarem, o primeiro pensamento que se lhes apresenta é que devem cultivar a intelligencia e adquirir conhecimentos.

Entende-se quasi exclusivamente por educação a educação intellectual. Deve-se, de certo, respeitar a intelligencia, mas não a colloquemos acima do principio moral, porque está intimamente ligada com elle. É no principio moral que se baseia a cultura do espirito, e educal-o é o seu fim supremo.

O que desejar que a sua intelligencia se eleve e seja sempre vigorosa e sã, deve começar pela educação moral.

O estudo e a leitura não bastam para aperfeiçoar a razão. É necessario que julguemos uma coisa superior a todas as outras: é o desinteresse, que é a alma da virtude. Para chegar á verdade, que é o grande fim da intelligencia, é mister procural-a com *desinteresse*. É a primeira e a grande condição do progresso intellectual.

Acceitemos a verdade, qualquer que seja o alcance para nós; sigamol-a, sem nos importar aonde nos conduz, nem os interesses que prejudica, nem a perseguição ou a perda a que nos expõe.

Sem esta candura do espirito, que é, sob outro nome, o amor desinteressado da verdade, pervertem-se e anniquilam-se as grandes faculdades naturaes, perde-se o genio, e a luz que nos illumina muda-se em trevas. Quando falta esta virtude, os mais subtis discursadores enganam-se inteiramente pensando enganar os outros, e enredam-se nos fios dos seus proprios sophismas.

Alguns homens, dotados pela natureza de extraordinaria intelligencia, tem diffundido os erros mais grosseiros, e até procurado destruir, para o dizer assim, as verdades primas, que são a base da virtude e da esperança humana. Por outro lado, ha homens que, recebendo apenas da natureza espirito ordinario, tem, por amor desinteressado da verdade e de seus similhantes, sabido levantar-se por notavel desenvolvimento e força de idéas.

O homem que se eleva acima de si vê de alto a natureza, a sociedade e a vida. O pensamento dilata-se-lhe como por elasticidade natural, quando desapparece a pressão do egoismo.

Os principios moraes e religiosos, generosamente cultivados, fertilisam a intelligencia.

O dever cumprido fielmente abre o espirito á verdade, porque ambos são da mesma familia, egualmente immutaveis, universaes, eternos.

A exaltação do talento acima da virtude é a maldição do seculo.

A educação tem por fim estimular o saber, mas o homem adquire assim o poder sem os principios que lhe são bem unico.

O talento, ou, antes, o que se chama habilidade, é, pois, adorada; mas se ha divorcio entre a habilidade e a rectidão, o talento será antes um dom do inferno que do ceo.

UM ANJO NO PURGATORIO

(Vid. pag. 286)

V

O dia seguiu, como havia rompido, bello e sereno. Saímos a divagar, a caminhar pelos campos, a despedirmo-nos dos valles, a colhermos as ultimas flores que ainda timidamente se baloiçavam por entre os silvedos das sebes. Julia era uma criança na alegria effusiva, na simplicidade descuidada, na innocencia do espirito. Corria e conversava; ora deitava o braço em torno da cintura de Pedro, estringindo-o carinhosamente, ora se volvia para mim, chilrando como um passarinho. Por que a regozijava aquelle dia? O outono é a quadra dos que já tem vivido, a primavera é o tempo dos que começam a viver. No outono caem as folhas, na primavera desabotoam-se as rosas. Por que é que Julia não sentia a tristeza d'aquellas nuvens que se libravam no espaço, indecisas e melancolicas? Por que é que se lhe afogueava o rosto em quanto eu deitava os olhos, scismando, pelo azul dos horisontes? Por que na sua alma se levantava o sol das intimas felicidades, sol que lhe allumiava o universo inteiro, que lh'o povoava de miragens encantadoras, que lh'o enchia de aromas e de matizes; e as sombras do outono não eram tão densas nem tão bastas que podessem empanar de leve aquellas irradiações vivissimas.

— Tens pena em deixar o campo, Julia?

— Não; só a teria em te deixar a ti.

— Galanteias-me?... Que lhe parece, meu amigo? É bello ouvir estas palavras de uns labios que jámais se abriram n'uma mentira. Oh! começo a sentir-me egoista! A felicidade é um precipicio.

— Alegro-me de o ver tão evangelico, meu caro Pedro... Bemaventurados os que choram!

— Não, bemaventurados os que não sentem na face uma lagrima, nem na cabeça um pensamento doloroso. A felicidade é um precipicio, deixal-a ser. Apraz-me a fascinação voluptuosa, quero debruçar-me sobre o abysmo do bem, e adormecer ao murmurio das suas correntes sonorosas. Acaso o egoismo é virtude? Eu sei!... D'este amor que cada um se consagra é que resulta o amor universal.

— Sabe o que disse Metastasio?

— Lembrava-me d'elle agora. Tinha razão o amoroso poeta da Italia: «Se queres amar, ama-te.»

— Bonitas coisas, senhor egoista, disse Julia mansinho e com um meneio arrufadiço; com que então é hoje mesmo, e quando eu o escuto, que nos assegura taes coisas?... São lisongeiras, na verdade... para uma noiva, sobre tudo.

— Por quê, Julia?

— Porque a ti só queres bem, não o disseste?

— Sim, a mim só; mas estou eu completo sem ti, minha Julia? Tonta, que pensaste um momento ser possivel olhar eu para a minha alma, sem te lá ver como em um espelho.

Depois fitaram-se com aquelle olhar intimo e profundo, que é só dos amantes, olhar que atravessa as pupillas e que mutuamente deixa ver o que os corações occultam no fundo.

— Partiremos ámanhã, continuou Pedro; é preciso

que entres no mundo; quero sentir-me orgulhoso ao teu lado. Olha, Julia, o mundo não é tão mau como se te afigura. Ensinaram-te no collegio a temel-o, e tua mãe educou-te na reclusão da familia. Tanto melhor. És um barquinho fragil a que eu servirei de piloto. Não penses em viver sempre em casa; ha muito para ver, Julia, e os annos correm como aquellas nuvens.

— Muito bem, meu amigo; já vê que o amor é a poesia.

— A unica, tinha razão, a unica verdadeira, a unica sublime. Deixem trovar á vontade esses poetas cabalisticos, deixem-n'os subir á cata do desconhecido; as nuvens que os entendam, se quizerem; eu nem lhes percebo os raptos estonteados. Dissequem-se esses gansos do Parnaso, e dou-lhes a minha palavra que em vez de coração lhes hão de encontrar uma cebolla do Egypto. Ossian tem nevoeiros, mas os seus phantasmas palpitam. Os gêlos das montanhas deslumbram-nos e regelam-nos; comtudo, no seio candido das suas virgens distingue-se o rubor do sangue que inda circula.

— Não direi tanto; nas visões do bardo ha apenas a melancolia das sombras e das nevoas. O amor é sempre para elle uma lagrima caída sobre a cinza dos heroes. Eu gosto mais das lagrimas orvalhando as rosas.

Em quanto nós soltavamos d'este modo a nossa critica palreira, Julia, indifferente, adiantava-se, e ora colhia uma bonina perdida, ora corria a ameigar uns pobresinhos loiros e candidos que por alli folgavam, contentes como ella. A espaços volvia-se e dizia-nos com um gestosinho de amuo:

— Então, não vieram estes senhores para discutir? São realmente dois caturras. Dá-me o braço, Pedro; falle comnosco, meu amigo; fallem de tudo que eu entenda. Qual é a moda em Lisboa? o que se canta em S. Carlos? gostam de ouvir a Volpini? Ahi tem assumptos, andem, tagarellem.

E dizia isto com uma candura infantil, com um ar de sobrehumana innocencia.

Ai, como aquelle dia passou, e quantos mais me tem decorrido na vida sem se me apagar na alma a lembrança das suas horas! Outras alegrias tem vindo, e com ellas outros cuidados; outras flores hei visto despontar, e ainda mais tenho guardado no seio, murchas pela aridez da morte; mas jámais deixou de me atravessar o espirito aquella recordação, suave como o expirar do outono, branda como a caricia de um anjo, doce como o nectar de um beijo colhido á flor dos labios.

Não quero fazer de novo ao leitor a descripção da minha retirada; seria isso converter o conto em um roteiro insupportavel. Chegou a noite, e eu parti. Como? De qualquer forma. No dia seguinte os meus dois amigos estavam já em Lisboa, e eu continuava visitando-os com a mais cordial intimidade. Era um ceo aberto aquella casa. Ás vezes entrava eu, de tarde, pelo inverno, e encontrava-os todos reunidos. Julia tocava, improvisava ao piano as melodias celestiaes que lhe inspirava a sua alma de criança; Pedro lia, e a momentos parava para escutal-a; e a boa mãe da pomba, bordando tranquillamente, sentia-se feliz pelos ver ao seu lado. Aquelle grupo faltava apenas a figura respeitavel da mãe de Pedro; a miude vinha ella abraçar os filhos, e conversar d'elles com a amiga, com a santa guarda que de continuo os vigiava.

Dois choupos, a que o inverno da vida seccára as folhas e definhára os troncos, ainda inclinavam a cópa e tentavam cobrir com a sua sombra as vergonteas que ao pé se lhes entrelaçavam.

Um dia a mãe de Pedro caíu enferma, a medicina precipitou-se-lhe para o leito, e a pobre velha succumbiu. Consequencia inevitavel. Quando o anjo da morte lhe veiu tomar nos labios a alma que se evaporava, viram-n'a estender o olhar amortecido e turvo para os filhos que choravam á cabeceira, e balbuciar não sei que palavras de alento e de benção, que morreram n'um soluço. O lucto cortou longo tempo a alegria; depois a ferida foi-se sarando, e acabou por cicatrizar de todo. Não digo isto com sarcasmo. Todas as feridas se saram. Ha dores no coração como as póde haver em qualquer dedo; uma saudade equivale a um panaricio. A principio perdem-se as noites, rega-se de lagrimas o travesseiro, o semblante desfaz-se, não ha prazer que nos convide, não ha sol que nos aquente; pouco a pouco a doença recúa, o mal desapparece, o soffrimento extingue-se, as faces avermelham-se, o travesseiro sécca; esvae-se a saudade, cicatrizou o panaricio. Bemdita sejas tu, instabilidade das coisas humanas.

Não sei que motivos me impediram por algum tempo de frequentar a casa de Pedro; sei só que se passaram tres mezes sem que eu os visse; creio que uma apparatosa enfermidade me havia obrigado a partir de Lisboa, sem me dar logar a despedidas. Quando voltei tinha em minha casa uma carta. Ha quanto a haviam recebido? Tres dias antes. Era de Julia, conheci-lhe a letra. Que teria ella para dizer-me? Em seis dias faz Deus o mundo, n'um só destroe o homem a felicidade. A carta (ainda a conservo) dizia isto simplesmente:

«Meu bom amigo — Peço-lhe que nos appareça. O que tem tido? já se esqueceu de nós? Preciso de o ver, de lhe fallar muito; mal sabe o que tem succedido. Venha, venha, não tarde. — Sua verdadeira affeiçoada — *Julia*.

Peguei no chapeo e saí. Que me dizia o coração n'aquelle momento? Mil coisas. Cheguei a casa de Julia; apenas ella me appareceu medi logo todo o alcance das suas palavras. Estava pallida, mas não d'aquella pallidez suave que era n'outro tempo o enlêvo dos que a fitavam; pallida como os que caminham para o tumulo, desamparados do ceo e dos homens.

— Que tem, minha senhora? Vejo-a abatida; sobresaltou-me a sua carta e ainda mais o seu estado.

A impressão era em mim tão viva, que mal podia sofreal-a.

— Não tenho nada, meu amigo... amigo, sim, continuou ella após uma pequena hesitação, deixe-me dar-lhe este nome, preciso de o dar a alguem no mundo. Sente-se aqui, ao meu lado, e ature-me, tenha paciencia. A companhia dos que soffrem é a peior de todas, bem o sei; mas que seria d'elles se não houvesse alguem que os consolasse? Olhe o que é o padecermos; nem lhe perguntei ainda o que teve para nos abandonar.

— Mas o que tem, que soffre, que mal lhe sobreveiu tão repentino? Diga-me, diga-me. Onde está Pedro? Succedeu alguma coisa?

Vi então aquelles bellos olhos marejarem-se de pranto e vi-o depois caír em fio ao longo d'aquelle rosto descórado. Nem um anhelito, nem um suspiro nos labios. Uma dor immensa lhe apertava o coração, e só as lagrimas estillavam silenciosas. Inclinou a fronte, e assim esteve alguns minutos como a flor carregada de orvalho. Oh! mas o orvalho que arrazava aquelles olhos não era doce como o que vem do ceo em madrugadas de primavera, era acerbo e ardente, queimava as rosas das suas faces.

Pobre Julia! Como eu via no seu abatimento a profundeza das suas mágoas.

— Vae admirar-se, disse-me ella por fim enxugando os olhos e procurando mostrar uma apparente serenidade; vae admirar-se muito. Não sei como principie o que tenho para contar-lhe. Esta cabeça doe-me tanto, tanto... e o coração ainda mais. Sou muito infeliz, não vê? Como quer que eu lh'o diga?... Pedro esquece-me, esquece-me por outra!...

— Illude-se, de certo; é impossivel. Por que o diz? por que o suspeita? Inexperiencias da sua edade, minha senhora; deixe-me ser franco. É talvez porque elle a não acompanha como d'antes, porque não está aqui sempre como nos seus dias de noivo?... Oh! mas isso é uma semrazão apenas.

— Oxalá que o fosse; não é isso, não, que me mata. Julga-me exigente? engana-se. Dera tudo para o ter sempre commigo; mas pensa que lhe diria uma palavra de desgosto pelo ver no mundo feliz, embora lhe não proviesse de mim tal felicidade? Não, nunca. Elle é homem, devia viver sem estas peias constantes de uma pobre mulher que tem a impertinencia do amor. Não é por isso que choro, é porque elle me maltrata.

— Que diz?

— Não se admire, disse a verdade, maltrata. Pois o que é fugir de mim, esquivar-se quando o busco, não me afagar quando o afago, não me responder quando lhe pergunto o que o aborrece, ser mau até me repellir, queixar-se que o importuno, não ter uma palavra para os meus queixumes, não ter um beijo para as minhas lagrimas? Bem vê que tenho razão... leio nos seus olhos.

— Mas como póde ser tal mudança? É preciso indagar, ver tudo. Demais, quem sabe, não terá Pedro algum negocio que o preoccupe? É mesmo natural que assim seja. Os homens são injustos. Vem o enfado accommettel-os, e deixam cair a sombra d'elle na vida dos que lhes são mais caros.

— Não o defenda, não creia. Que poderia entristecel-o até se esquecer de mim? Não deveria ser eu a confidente e a amiga? Oh! aquelles olhos que se arredam sobresaltados dos meus, é porque temem confessar-me tudo. Pobre de mim, que lhe quiz e que lhe quero tanto, que tantas noites passei velando a scismar no que lhe faria para lhe tornar a existencia agradavel; pobre de mim, que vi murchar mais cedo o seu amor do que a minha grinalda de noivado.

E o chôro, rebentando vivo, caía-lhe no seio, onde os soluços se afogavam. Estendi-lhe a mão, que ella apertou entre as suas, e, depois d'esta effusão ardente, vi-a erguer para mim o seu olhar, com uma doçura que me commovia e me fazia mal ao mesmo tempo. Retirei a mão onde brilhava uma perola de seus olhos, e levantei-me de salto. Não sei que anjo mau me fizera saltar pela mente aquellas paginas em que o proprio Silvio Pellico nos falla de *la siora Zanze*. Dei alguns passos pela casa murmurando como o poeta martyr: «*Ciò non va bene.*»

N'este comenos a porta da sala abriu-se e appareceu Pedro.

— Por cá, meu amigo? Pensei que nos fugíra de todo. Ha quantos mezes anda erradio? conte, conte.

E Pedro procurava dar a estas palavras uma vivacidade de bom humor, que o semblante lhe desmentia.

— É simples, meu caro; o esquecimento é dos males que menos me flagellam, sobre tudo quando esse esquecimento se traduz pela leviandade ou pela ingratidão. Estive doente, aconselharam-me o campo, parti sem delonga; hoje cheguei, corri logo a visital-os. Que tem feito? Abriram mão dos seus excellentes planos? Pois eu é que insisto n'elles, comprehendem?

Julia parecia distrahida e indifferente. O olhar corria-lhe incerto em volta da casa, até se cravar depois no chão com uma fixidez abstracta.

— Onde vão hoje? prosegui eu, tentando sondar o animo de Pedro. Ao theatro? Teremos a *Somnambula*, o idyllio do amor, a opera dos noivos, a sua opera, minha senhora.

— Hoje não, atalhou Pedro, outro dia será, não te parece, Julia?

— Sim, outro, respondeu ella levantando-se e saíndo da sala.

Quando ao fechar da porta se volveu um pouco, vi que levava o lenço aos olhos. Eu sentia-me triste; Pedro estava manifestamente contrariado. Prolongar a visita era absurdo; o destino havia-me deparado aquella mulher, havia-me feito conhecel-a nos seus dias de contentamento, de illusões e de esperanças, e ligava-me agora a ella pelo dó e pela sympathia. Cumpria-me entrar no coração de Pedro, saber que lufadas lhe haviam seccado as suas flores nativas, que tentador lhe transviára as idéas. Elle, o philosopho da commiseração, o poeta do apaixonado lyrismo, como podia voltar as costas áquella rolla que gemia saudades no seu ninho humedecido de pranto?

— Disponha de si um dia para conversarmos, disse elle vendo-me pegar no chapéo. Tenho-o por meu amigo, e quero-lhe o conselho. Seja ámanhã, não póde?

— Posso e desejo.

— Percebo que antevê as coisas; estas são naturaes, muitas vezes lh'o disse. Lucta-se, braceja-se, agarra-se a gente á honra como o naufrago se agarra ao tronco; mas a fatalidade é uma corrente impetuosa. Eu creio na fatalidade, meu amigo.

— E eu creio no dever.

— É severo... não lhe quero mal por isso. Diga ao infeliz que se afoga que é dever seu conservar a vida!... Todos nós andâmos em viagem; os que passeiam nos lagos são os que pregam fortaleza aos que desmaiam no Oceano. Theorias!

— Pensa então que o dever é uma theoria?

— Penso que o coração é um batel sem leme. Conhece algum piloto que o governe a seu modo? Fallaremos. Eu quizera chegar de novo ás praias d'onde parti; ha tempestades que nos arremessam para o alto.

— Tempestades que a nossa propria mão desencadeia, hein?

— Talvez seja. Cremos que bulir na flor é simples, e a vibora vem e morde-nos. Quem soffre mais, os que ella rasga, ou os que deixa solitarios?... Ámanhã irei a sua casa.

— Até ámanhã.

Oh! a fatalidade do coração humano! Como eu pensei n'ella desde aquelle dia, e como o pensamento me volteou receioso. Que seria d'essas duas creaturas se succedesse o contrario? Não poderia a mesma onda que desnorteou Pedro fustigar a alma de Julia? Se ella houvesse encontrado no mundo um homem que no delirio da sua paixão fogosa lhe estendesse os braços, e ousasse ao calor de um beijo incendiar-lhe o sangue, que diria o mundo e que faria Pedro? Assim, não; a fatalidade explicava tudo.

Quando ella, desfigurada e trémula, ajoelhasse ante o retrato d'esse homem que lhe assellára amor em mil caricias, quando pedisse a Deus piedade entre soluços estereis, elle atravessaria o mundo com a frente erguida e a face radiante, sem querer saber se o passado lhe travaria ou não da manga.

Julia, Julia, quantas vezes a tua imagem serena e casta se me debuxa no horisonte, e como então me parece ver-te ainda bella, bella como n'aquelle dia em que me apertaste a mão carinhosa, e em que eu a senti humedecida pelo orvalho de teus olhos?

(Continúa) E. A. Vidal.

A palavra *liberal*, entre os latinos, não só quer dizer homem amigo de dar, senão homem livre e ingenuo, em contraposição dos escravos e libertinos. D'aqui vem, que chamavam *juizo liberal* á causa que corria entre pessoas ingenuas: *resposta liberal* á que era digna de similhantes pessoas: e *formosura liberal* á que se costuma achar em pessoas bem criadas.

P. Manuel Bernardes.